

AINDA SOU ESTUDANTE: GRATIDÃO, PROFESSORA ROSILENE

André Henrique M. V. de Oliveira¹

“Para que isso servirá em minha vida?” Ao longo de minha (já não tão recente) trajetória como professor do ensino secundário, ouvi esta pergunta algumas vezes. É provável que nós professores de filosofia não sejamos um alvo privilegiado dessa pergunta provocadora. Trata-se mesmo de uma questão legítima, ainda mais para nós: latino-americanos, brasileiros, nordestinos, piauienses. Trata-se de uma pergunta que evoca um certo desespero, uma certa pressa, um tipo de agonia que é bem nossa; como quando dizemos “estou agoniado”. Queremos tudo “pra já”. Parece que jamais nos daremos o direito de viver e aprender algo pelo simples fato de que o saber (e o sabor) é bom e merece ser fruído.

No entanto, como dizia, acredito que professores de química, de física e de tantas outras matérias que compõem o currículo comum também já receberam essa pergunta assim como um raio, que cai no exato momento em que se está explicando algo sobre o coeficiente de dilatação térmica dos materiais, ou sobre os elementos da tabela periódica, ou sobre o que quer que seja; aquela pergunta quando aparece, aparece como algo mais urgente. De qualquer modo, é preciso lembrar que antes de sermos professores somos estudantes...

Os alemães costumam traçar uma diferença entre o ato de “aprender” (*lernen*) e o de “estudar” (*studieren*), sendo esta última atividade algo especialmente atribuído a quem já frequenta o ensino superior. O ato de escolher conscientemente uma área ou matéria para estudar implica que a pergunta “para que isso servirá em minha vida?” já deve ter sido superada, afinal, à esta altura o professor questionado poderá responder dura e friamente: “Problema seu. Não tenho bola de cristal para adivinhar seu futuro”.

Confesso que, enquanto estudante do curso de filosofia da UFPI, não me recordo de haver me feito essa pergunta. Já a faziam demais por mim, então me concedi o luxo de me fazer outras perguntas. Entre tantas, uma era por que a nossa subjetividade pode ser (e é) moldada, direcionada, e até mesmo, em certos casos, excluída ou anulada por determinados discursos. Discursos estes que podem ser proferidos por profissionais, agentes, autoridades, em suma, por quem detém o poder de dizer “verdades” sobre mim e sobre nós; nós latino-americanos, brasileiros, nordestinos, piauienses. Tal pergunta passava também por um questionamento acerca do uso político do discurso científico. Uma questão tão profunda que se fazia necessário uma espécie de arqueologia (do saber) e uma espécie de genealogia (do poder) para esclarecer o porquê de estarmos todos “dentro” daquele estranho terreno chamado de “o verdadeiro”.

¹ Graduado e mestre em Filosofia pela UFPI. Ex-petiano. Doutor em Filosofia pela UFC. Professor de Filosofia do IFPI.

No pouco tempo que participei do grupo de estudos sobre Michel Foucault, coordenado pela professora Rosilene Maria Alves Pereira, muitas daquelas perguntas foram esclarecidas, no sentido de que se tornaram mais profundas e instigantes. Tanto que decidi participar do programa de Iniciação Científica Voluntária, e, para iniciar a desenvolver a pesquisa, comprei alguns livros. Contudo, como a grana era pouca, tive que cometer um crime, confesso: tirei algumas xerox sem pagar os devidos direitos autorais...

Aconteceu de minha pesquisa de ICV com a professora Rosilene não poder ser cadastrada, devido à certo entrave burocrático. E, algum tempo depois, se não me engana a memória justamente quando a professora estava afastada para concluir seu doutorado, eu comecei a desenvolver uma pesquisa de ICV com outro professor. A história é assim mesmo, cheia de descontinuidades...

Nesses percalços e descontinuidades da vida aprendemos na prática coisas que tematizamos em nossas leituras. Exemplo disso que afirmo ocorreu com o meu crime da xerox. Certa vez, numa parada de ônibus, sofri um assalto. Os ladrões levaram de mim um celular e uma mochila, na qual constavam um processo de autoescola, uma edição ruim de O discurso do método e, por fim, a prova de meu crime: uma xerox de *Vigiar e punir*: a história da violência nas prisões...

Uma das coisas que me cativavam nas aulas da professora Rosilene era sua tranquilidade. Uma tranquilidade mansa que acolhe, que escuta e que ensina; qualidade rara entre os professores que tive durante a graduação em filosofia. Já quase no final de minha graduação tive novamente a oportunidade e o prazer de assistir suas aulas, na disciplina de Filosofia francesa contemporânea. Novamente se não me engano, aquele fora meu último período como estudante de graduação. Depois vieram mestrado, ainda na UFPI, e doutorado na UFC.

Embora em meu percurso acadêmico eu não tenha me debruçado sobre a obra de Michel Foucault, aqueles primeiros passos que tive com a professora Rosilene no mundo da pesquisa, ainda que poucos, foram muito significativos para minha trajetória. Em minha tese de doutorado procurei articular duas tradições bem diferentes (idealismo transcendental e filosofia da mente contemporânea); algo no que muito me ajudou a noção foucaultiana de epistême. Mas, não seria justo dizer que essa experiência, bem como as aulas da professora “serviram” para minha vida, pois tudo isso não se encerra numa relação de natureza meramente instrumental. Mais do que isso, o que acho necessário dizer é que isso faz parte de mim. Sou muito grato, professora.